



## **A Urbanidade Como Espelho Cultura, Mídia, Produção e Consumo Nas Cidades<sup>1 2</sup>**

Silvia Helena Simões Borelli<sup>3</sup>

Rita de Cássia Alves Oliveira<sup>4</sup>

Josimey Costa da Silva<sup>5</sup>

### **Resumo**

Restituindo o percurso reflexivo do NP Comunicação e Culturas Urbanas, assume-se como ponto de partida o mapeamento das tematizações e categorias analíticas recorrentes em seus quatro anos de atividades (2005-2008). Tendo esta cartografia por referência, as autoras propõem a síntese e a construção teórica de alguns dos principais marcos reflexivos localizados na interpretação comunicacional e cultural da urbanidade: 1. Imaginários, visualidades e novos sensórios em contextos urbanos; 2. Identidades, subjetividades e sociabilidades urbano-midiáticas; 3. Híbridizações, gêneros e produções culturais nas metrópoles; e 4. Articulações entre comunicação, consumo e mercado.

**Palavras-chave:** comunicação; culturas urbanas; mídias; produção; consumo.

### **Introdução**

Restituindo o percurso reflexivo do NP Comunicação e Culturas Urbanas/ INTERCOM, este artigo assumiu como ponto de partida o mapeamento das principais tematizações e categorias analíticas recorrentes em seus quatro anos de atividades (2005-2008). Tendo esta cartografia por referência, as autoras propõem a análise concisa e a articulação teórica de alguns dos marcos reflexivos e metodológicos localizados na interpretação comunicacional e cultural da urbanidade: a) as complexas conexões entre identidades, subjetividades, experiências, pertencas, sociabilidades; b) a relação entre comunicação,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Comunicação e Cultura Urbanas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Participa também como autora a Profa. Dra. Rose de Melo Rocha (ESPMSP). A coleta de informações (nas grades de programação do NP Comunicação e Culturas Urbanas/INTERCOM, entre 2005 e 2008) foi realizada por Euzebio Santos Silva e Ariane Aboboreira (esta última responsável pela elaboração de relatório preliminar), bolsistas PIBIC/CNPq do Projeto “Jovens Urbanos” (PUCSP/CLACSO). Destacam-se ainda como fontes as sínteses produzidas pelas relatorias em cada uma das sessões do NP (205-2008), assim como o relatório resultante de reuniões de fechamento e balanço crítico, ao final de cada congresso. E, finalmente, como este trabalho se constitui na síntese das atividades do NP, os textos apresentados pelos expositores serviram como referência fundamental para a produção desta reflexão. Optamos por não nomear cada pesquisador e apresentar, na nota final, o nome de todos os participantes aqui referidos.

<sup>3</sup> Professora Livre Docente e Pesquisadora da PUCSP: [siborelli@gmail.com](mailto:siborelli@gmail.com).

<sup>4</sup> Professora Doutora e Pesquisadora da PUCSP e SENACSP: [ritacaoalves@gmail.com](mailto:ritacaoalves@gmail.com).

<sup>5</sup> Professora Doutora e Pesquisadora da UFRN: [josimeycosta@gmail.com](mailto:josimeycosta@gmail.com).



mercado, consumo e hibridizações culturais; c) os processos imaginários, a produção e a recepção de visualidades e a constituição de novos sensoriais. Apresenta-se, a seguir, uma síntese de cada um dos três eixos acima discriminados, elaborada de modo a permitir uma interface interpretativa coesa entre as reflexões particulares.

### **Paradoxos urbano-midiáticos: identidades, subjetividades, experiências, pertencas, socialidades**

Os destaques neste eixo temático referem-se às articulações entre culturas urbanas/midiáticas e identidades/diversidades, subjetividades/alteridades, pertencas/deslocamentos, sociabilidades/socialidades, experiências/vivências, em contextos de contemporaneidade. Estes “duplos” emergiram como totalidades complexas e contribuíram para a reflexão sobre as interfaces entre cidades e culturas urbanas e suas relações com os processos comunicacionais/midiáticos.

Uma das primeiras problemáticas focadas na identidade retomou o debate com a indagação sobre as tensões entre identidades grupais e fragmentadas ou a permanência no imaginário contemporâneo da busca pela identidade nacional. Se a fragmentação é a perspectiva hegemônica, seria impossível, por exemplo, a construção de narrativas integradoras?

Outros questionamentos se sucederam ao redor da mesma problemática: como equacionar, em paisagens urbano-midiáticas reticuladas, as identidades, diversidades, subjetividades e experiências? Como se coadunariam os interesses públicos e privados? De que forma se relacionariam objetivos institucionais a outros voltados para formações mais autônomas e menos normatizadas? Qual o caminho apto a incorporar a multiplicidade de vozes que se mesclam conflituosamente na cidade/mídia?

De um lado, apresentaram-se – ainda que minoritariamente – vertentes teóricas e conceituais que enfatizaram a desvalorização da “experiência”, no sentido benjaminiano, e apontaram para um horizonte reflexivo em que a vida cotidiana parecia se reduzir apenas ao vivido; o passado não se colocaria como referência; a questão da memória, considerada difusa, seria substituída pela problemática do esquecimento; e restariam às narrativas o despojamento de qualquer sentido mágico, mítico, religioso, imaginário. A fragilidade da experiência permitiria tão somente o superficial diagnóstico da existência de diversidades e alteridades. Seria difícil encontrar, neste cenário de experiências esgarçadas, os lugares de emergência das identidades, das



subjetividades e do reconhecimento e incorporação do outro, do diverso, sujeitos e lugares de convívio e troca que re-editariam a solidariedade e projetariam objetivos comuns.

Por outro lado, manifestaram-se tendências fundamentadas nos estudos culturais – consideradas hegemônicas dentro do contexto do NP – cujos pressupostos sustentaram-se na busca de brechas por onde escoariam resíduos – em meio a formas emergentes – aptos a restituir laços identitários e de pertença, experiências, lugares, entre outras variáveis.

Esta complexa articulação entre identidades, pertencimentos e diversidades expressou-se: pela via étnica – como nas abordagens sobre movimentos e memórias étnicas em contextos midiáticos; pela variável gênero – nas discussões sobre a condição e as concepções do feminino e do masculino; pela tematização do local – produção musical e das artes gráficas vinculadas às tradições regionais e, também, as redes de socialidades nas ruas de uma favela; pela cultura audiovisual – experiências cinematográficas, ocupações urbanas e práticas de sociabilidades e, ainda, a presença de fortes estigmas sociais nas narrativas audiovisuais; e pelo recorte das multinacionalidades relacionadas ao consumo midiático e ao redesenho das identidades e estilos de vidas.

Uma das bases de sustentação teórica desta abordagem supôs que as tramas contemporâneas resultantes de conexões entre urbanidades e comunicabilidades seriam capazes de produzir mediações, mesmo que conflituosas, entre mídias e experiências cotidianas e redefinir sucessivamente identidades, hábitos e estilos de vida.

Reforçando a mesma tendência, a cidade foi concebida como lócus de explicitação de conflitos e embates pela diversidade reconhecendo-se, entretanto, que a tendência hegemônica da reflexão dentro deste campo teria sido a de inibir a emergência do diverso. A análise dos conflitos entre espaço público planejado e lugares de apropriação resultou em argumentações que consideravam tanto a demarcação dos espaços públicos por narrativas midiáticas, quanto a existência de brechas para a reinvenção dos imaginários urbanos. As identidades, portanto, como sistemas estruturados e estruturantes, se configurariam em conflito, negociando sentidos com os contextos midiáticos. As cidades foram ainda analisadas na perspectiva dos processos



comunicacionais e das suas dimensões subjetivas e concebidas como lugares de natureza plural e processual.

A relação desigual entre mídias e vozes da cidade e a constituição de ordens imaginárias reapareceu em análises historicamente localizadas sobre fenômenos midiáticos de representação da violência. Questionou-se, por exemplo, os motivos pelos quais a violência pôde se tornar temática dominante – em detrimento a outras – na construção de imaginários nas metrópoles contemporâneas. O tema pode sugerir outras trilhas reflexivas: estaríamos diante de novas formas de sociabilidades/socialidades urbanas e da emergência de alternativas para um modelo de participação política, que tradicionalmente caracterizou as ações de engajamento e militâncias, em especial nos anos 1960?

Na busca de ampliar as concepções sobre experiências/vivências e novas formas de sociabilidades/socialidades, a tecnologia e as estratégias de apropriação apresentaram-se como significativas mediações e permitiram a expressão de temáticas e conceitos, tais como: comunidades virtuais; materialidades e virtualidades como espaço para experiências políticas; internet, práticas culturais e agentes socializadores; televisão e sociabilidades em rede; lógicas dos usos e estreitamento entre público e privado; experimentação de identidades e transformação nos modos de vida tradicionais. No balanço crítico entre as abordagens teóricas que privilegiaram a abertura ou o fechamento das relações, a tendência se manifestou pela concepção de uma sociabilidade mais flexível, permeada por negociações de sentidos e pelas artes de fazer.

Na confluência do debate entre urbanidades e midiatizações um objeto, com variadas entradas, ganhou visibilidade no contexto analítico: jovens e juventudes; culturas, agrupamentos, coletivos, grupos juvenis; ações e práticas juvenilizantes; produção, consumo e apropriações voltadas para a juventude; juvenilização da cultura e descentramentos geracionais.

Um dos desafios enfrentados pelo NP referiu-se à necessidade de atualização histórica das concepções de juventude e a realização de um mapeamento crítico sobre as complexas condições de vida dos jovens na contemporaneidade; agregaram-se a esses objetivos mais gerais o aprofundamento do debate sobre as conexões entre juventude e



cultura e os conflituosos modos de ser e de viver nas cidades baseados, também, em um quadro de relações intra e inter-geracional.

Jovens e juventudes foram compreendidos como um constructo social e cultural e como categoria histórica, móvel e dinâmica, que tanto concebe jovens concretamente situados, como propõe que a temática seja abordada na perspectiva das ordens imaginárias e das matrizes de sentido.

As propostas apresentadas definiram as seguintes tendências:

- . conceber jovens e juventudes no plural (gerais e particulares, nômades e gregários) e refletir sobre as aproximações e singularidades que identificam jovens em variados lugares do mundo: pelo consumo material e simbólico, considerados paradigmáticos de um modo de representação do juvenil e, também, por suas concepções sobre a vida e a morte relacionadas à violência e às alternativas de consumo cultural;
- . analisar conflitos étnicos, geracionais, de inclusão e exclusão, de vivência ou afastamento das tradições, de pertencimentos e de contradições de classe social;
- . definir os limites e alcances das categorias cultura e sub-culturas juvenis e destacar a relevância do conceito de “cena musical”;
- . articular práticas cotidianas (e novas práticas políticas) de jovens nas cidades, com as mídias e as novas tecnologias: resistências e regimes de fruição e distinção, via novas tecnologias de produção e recepção; e, ainda, as práticas estéticas, culturais e políticas de jovens na apropriação da cidade e na transformação do território urbano;
- . investigar os processos de “juvenilização da cultura” e de “promoção da juventude” que atravessam as distintas gerações e perpassam a condição de gênero, etnia, classe social, gosto e estilo de vida.

Alguns campos de produção, consumo e apropriação culturais juvenis foram privilegiados: as investigações relacionadas à música, como forte componente identitário, na formação das redes de sociabilidades/socialidades e dos coletivos juvenis; as lógicas dos usos e apropriação dos cenários urbanos; a relação dos jovens com as culturas audiovisuais, tanto como receptores como quanto retratados; as interconexões com as imagens publicitárias e as alternativas que resultam da relação dos jovens com as narrativas midiáticas e a circulação pelos cenários urbanos.



## **Comunicação, mercado e hibridizações culturais: um urbano midiaticamente viável?**

Fazendo uma leitura transversal das diferentes sessões que compuseram o Núcleo entre os anos de 2005 a 2008, tornou-se possível sintetizar as principais discussões articuladas em torno da relação entre comunicação, mercado e hibridizações culturais. Ainda que tal interface tenha sido buscada desde aportes conceituais e perspectivas metodológicas bastante plurais, alguns marcos de caráter temático-epistemológico puderam ser claramente identificados. Assim, a ênfase, ao longo dos quatro encontros, apontou para uma leitura dos processos comunicacionais articulados ao consumo como sendo estruturados e definidores de uma dinâmica em rede, e por uma rede de fluxos.

Já não se teria mais – se é que um dia existiu esta possibilidade – a oportunidade de compartilhamento de um mesmo fluxo narrativo; o grande motor da experiência contemporânea seriam os dispositivos midiáticos. Existiria certo empobrecimento da experiência, mas também emergiriam elementos agregadores no convívio social. Os dispositivos midiáticos não estariam desvinculados de um contexto de controle social, necessitando de um fluxo produtivo-receptivo constante. A Internet e a relação do consumidor com a tecnologia, que ele ressignificaria, seriam demonstrativos dessa perspectiva. Se a sociedade é conflito, é tensão, não é plausível pensar os dispositivos de controle como se tudo dominassem e o indivíduo não pudesse de alguma forma intervir nestes processos.

Não há dúvida de que as formas políticas, midiáticas, estejam disseminadas pelo mundo: mais, elas, hoje, “fazem” mundo. Diante disso, se posta a questão de se o aparato conceitual acumulado dá conta de tal complexidade. A fluidez, o sem-forma, não impediriam dar um sentido à experiência? A ação política precisaria de lugares mais ou menos fixos ou pode ser exercida por meio de fluxos? Como qualificar a experiência fluida para diferenciá-la das outras e poder qualificá-la? Compreender as dinâmicas, a linguagem e a mídia contemporâneas seria perceber que o meio não torna presente apenas conteúdos, mas envolve a inversão de valores incluídos no processo. A forma é o sentido, e isso seria resistência estética. A experiência direta do fluxo é uma questão central e muito antiga entre os pensadores ocidentais, visto que a experiência humana no mundo é a da descontinuidade, aleatoriedade e fragmentação. A percepção da experiência exigiria a contenção desse fluxo, que só assim pode ser administrado e



nomeado. Ver a fluidez como algo menor, menos aprofundada, desconsideraria que os fluxos, sempre relativos, cruzados e imbricados, nunca ocorreriam em sentido único na contemporaneidade. O pertencimento líquido se daria no cruzamento desses fluxos.

Este conceito de fluxo, concebido como metáfora analítica e pressuposto teórico de forte envergadura política, valeu-nos nas reflexões do NP como referência para repensar dicotomias que por muitos anos contaminaram determinados estudos sobre a urbanidade, os processos sociais e comunicacionais concernentes a este cenário. Não por acaso, a tematização das hibridizações foi assumida, e se deu em algumas direções nucleares, particularmente resultando em não mais se falar em termos de categorias dicotômicas ou por oposições, mas adotando-se a terminologia das hibridizações em, pelo menos, os seguintes aspectos: mídia e cultura; massivo/erudito, erudito/popular, popular/massivo; local/global; cidade/campo.

As investigações apresentadas, embora heterogêneas quanto a seus referenciais teóricos e metodológicos, partilharam em sua maioria de cruzamentos conceituais e de perspectivas plurimetodológicas que problematizaram fronteiras teóricas e seus respectivos recursos de interpretação. As tecnologias da comunicação social urbana e a idéia do olhar como uma ferramenta metodológica para pensar a cidade foram destaques, revelando que a associação tecnologia-olhar unidos em dispositivos materializadores das vivências urbanas seria passível de investimento por parte da pesquisa acadêmica. Essa escolha implicou a discussão sobre a percepção dos sujeitos e a aproximação ou distanciamento desta em relação à lógica midiática ancorada na experimentação urbana.

Tal como proposto por vários de nossos autores, confirmou-se a processualidade e a dinamicidade como uma das grandes referências para se analisar a comunicação nas cidades e, o que é importante neste tópico, percebeu-se a centralidade dos hábitos e práticas de produção e recepção cultural na leitura de tais intensas e complexas reticulações. O consumo, material e simbólico, participaria da tessitura desta malha cultural, perceptual e reflexiva, tanto em fenômenos de explícito caráter disruptivo, quanto naqueles que se poderiam analisar como hegemônicos e/ou conformistas. O ato de consumir e o modo como se consome, assim como o modo de produzir e o modo como se produz, gerariam estilos de pensar, efetivamente produzindo cognição. A



cultura urbana, em suas implicações simbólicas e em suas materialidades, construiria representações da cena metropolitana de larga pluralidade.

As culturas urbanas foram o eixo de sustentação da concepção de que o discurso hegemônico poderia apontar possibilidades contra-hegemônicas. A experiência urbana, com seus marcos físicos e simbólicos, participaria dos processos de subjetivação dos seus habitantes. A cidade, cenário de representações que permeiam a realidade urbana, estaria implicada no fenômeno da percepção construída intersubjetivamente e na relação com o outro estabelecida a partir da linguagem específica das mídias. O ambiente urbano estaria cercado de contradições, polifonia e ambigüidades, um espaço simbólico de fluxos contínuos e rupturas, sendo composto por relações de proximidade, idéias de pertencimento e de participação, assim como de isolamento e de fragmentação.

Assim, a cidade tal como representada por nossos expositores seria pontilhada, mas estes pontos ou pólos não reiterariam a questionável dicotomização centro-periferia, a cidade sendo atravessada e composta por fluxos. Contudo, a defesa desta fluidez não pareceu encontrar nas apresentações um lugar de pacificação ou suavização de conflitos. Muito ao contrário. A circulação incessante entre o universal e o singular produziria uma mobilidade simbólica e outra concreta na forma dos trajetos. Nas questões da visibilidade e da identidade, existiria, igualmente, um processo constante de circulação, um fluxo às vezes caótico, às vezes norteador. Em ambos os casos a tensão e por vezes o conflito está presente.

As pesquisas do Núcleo indicaram que, no cenário urbano, a privatização do espaço público e os estilos de vida afirmam identidades hegemônicas ou excludentes, assim como os grandes fluxos midiáticos e a regionalização dos fluxos globais geram identidades visíveis em grupos de jovens e de consumidores adultos. A cultura é percebida como construção coletiva, um apanhado de referências e diferenciações entre o popular e o massivo com visibilidade tecnologicamente mediada. A própria cartografia da cidade apresenta fluxos/trajetos, o que faz mais fluidas ou flexíveis as ações comunicacionais e políticas. A circulação incessante entre o universal e o singular produz uma mobilidade simbólica e uma concreta, dos trajetos dos transeuntes. Os habitantes são cidadãos de um tempo, o da comunicação, tributários de uma alternância cada vez maior entre produção e recepção midiática, com uma conseqüente construção de sentidos e de imaginários a partir desses elementos.





Na música, um dos temas privilegiados pelos pesquisadores, notou-se a circulação entre o tradicional e o moderno, entre o local e o regional e entre o popular e o massivo. As redes culturais e de conhecimentos também compuseram esta gama de preocupação, na qual a variedade e a circulação nem sempre, ou ao menos não necessariamente, equivalem a uma fluidez totalizante. Em um tempo onde às possibilidades de identidade são múltiplas e efêmeras, alguns pesquisadores ousaram abordar a ambivalência de afiliações identitárias no contexto da globalização. Por outro lado, quando a questão do mercado foi abordada ficou evidente ser muito mais imediato se localizarem os nós, os pontos de cristalização. Assim, à idéia de transição e transitório sobrepôs-se a demarcação dos espaços possíveis de rigidez e endurecimento.

A esfera do consumo propriamente material também foi exaustivamente discutida, mesmo que seja evidente a compreensão da grande maioria dos pesquisadores de ela se inserir em macro-dinâmicas sócio-culturais e, obviamente, em sistemas de significação midiaticamente demarcados. Vários de nossos autores contribuíram significativamente para a reflexão sobre metodologias possíveis e adequadas para se pensar processos de comunicação associados à cultura urbana e à juvenilização da cultura. Surgiu a perspectiva da própria cidade como mídia e também de uma memória do quase agora. O consumo seria efetivamente uma palavra de ordem na sociedade contemporânea.

Os hábitos de consumo cultural – visto como um lugar de mediação para se pensar as dinâmicas urbanas cotidianas – também compuseram a demarcação teórica de inúmeros artigos. Mapeamentos de dinâmicas de apropriação dos bens culturais, revelaram a vivência da sucessão, da simultaneidade e da alternância no cotidiano dos jovens, por meio de uma perspectiva multimetodológica. Enfocando o comportamento juvenil, problematizou-se a esfera do campo, buscando compreender o conflito entre a recepção dos produtos midiáticos, neste contexto. O comportamento em metrópoles de outros países, também se fez presente, possibilitando refletir-se sobre novas dimensões destes cruzamentos e diásporas culturais.

Conceitos como o de indústria cultural foram recorrente e exaustivamente debatidos pelos nucleados, assim como se enfrentaram as possibilidades de reencantamento do mundo via experiência midiática: hegemonia ou diáspora, costuma-se perguntar. A produção do gosto, e o próprio consumo como forma de pensamento e prática sensológica regressaram, por vários momentos, à problematização dos textos



apresentados. Seguindo este raciocínio encontramos que uma compreensão crítica do clássico e problemático conceito de “comunicação eficaz” deveria com urgência ser aplicada, ou, até mesmo, avaliar-se que ela é construída no erro, na efemeridade.

Detectou-se, na grande maioria das investigações apresentadas, uma forte referência à metodologia, com vários dos pesquisadores perseguindo uma forma própria de tratar do espaço urbano, usando, por exemplo, a imagem e a narratividade. Algumas das abordagens enfatizaram a existência de situações de limiaridade entre público e privado, oficial e não oficial, arte e não arte, em constantes ultrapassagem de fronteira. Um interessante destaque foi conferido à esfera da banalidade como objetivo relevante de estudo, lugar de saber importante, modo de produzir conhecimento. Destaque igualmente relevante encontrou-se nos modos de consumo urbano, como maneiras de construção que articulam discursos, inclusive os dos próprios pesquisadores, e que compõem o que chamamos de realidade. São contratos de leitura em que o contra-hegemônico se torna hegemônico. Diferentes aportes se articularam e diferentes processos de significação e educação dos sentidos, de natureza estética e estésica. Os formatos midiáticos apresentam as interfaces entre comunicação (como relação social) e cidade (como metáfora expressiva).

Na cidade interpretada como mídia, a situação dos signos incitaria iniciativas de leitura, com uma ressignificação dos espaços através da criação de novas imagens e visibilidades. Não se tratou de uma visão clássica de poder, mas dos micropoderes. Todavia, existiriam hegemonias, lugares estabelecidos como dominantes. Ou seja, os lugares seriam cambiantes, mas sem excluir as referencialidades e hierarquias. Rememorando Michel de Certeau, existiriam culturas no plural, com certa flexibilidade e uma cultura endurecida, no singular, na esfera da molaridade. Assim, o conceito de periférico adotado no NP é muito particular, é crítico, tornando visíveis os paradoxos.

Tornou-se imperativo em tal cenário pensar os usos da cultura, nos fluxos rápidos da comunicação, no múltiplo. Não pareceu produtiva a cristalização de lugares e pertencimentos, com o risco de não se poder cruzar fronteiras, mas isso também não quer dizer que não existam lugares, pertencimentos e hierarquias, mesmo que isso esteja borrado. Até mesmo conteúdos “conservadores” poderiam permitir usos contestadores. Os processos comunicacionais enfocados aconteceriam em fronteiras muito paradoxais. As distinções e endurecimentos não diluíram a concepção de crítica, supostas iniciativas



de pureza cultural sendo confrontada pelas contaminações das quais todos somos objeto e em alguns casos protagonistas. Desde este ponto de vista se analisou seriamente a própria efemeridade, questionando-se os momentos em que ela permitiu construir originalidade e legitimação. O momento da fruição também ganhou análise atenta, sendo considerada sua relevância para se pensar as significações culturais e comunicacionais. Notou-se, ainda neste sentido, a focalidade assumida pela noção do estético, que permeou todos os trabalhos.

Grande parte das investigações se apoiou em “cartografias do sentido” (registro de sons, intersecções de formatos, discursos) em conjunto com metodologias de análise/interpretação singulares. Nelas, partiu-se da noção ou guia epistemológico que nos permitiu conceber aos recursos metodológicos tradicionais como sendo incapazes de capturar toda a complexidade que os processos e fenômenos gerados e manifestos através da comunicação urbana. Seguindo tais raciocínios, as vivências dos habitantes da cidade se apresentaram como representações entretecidas pela imagem midiática. A veracidade do fato vivido passaria, segundo tal proposição, por um confronto de narrativas, posto que a mídia clivaria o que é proposto como crível ou o que se escolhe tornar visível. A análise da narrativa midiática levou alguns pesquisadores a questionarem como se apresentam as questões de gênero, faixa etária, *locus* territorial sócio-econômico, entre outros aspectos. O que seria a cultura no campo da comunicação (ontem) liga-se ao que é linguagem (hoje) nesse campo? O que é possível, embora não visível? Que realidade está sendo construída? Qual imaginário funda e decorre disso? Quais são as atitudes vivenciais pelos quais o indivíduo está presente?

Nos intercâmbios de metodologia propiciados pelo NP, houve a articulação de aportes plurais e o foco em diferentes processos de significação e educação dos sentidos, tanto os de natureza estética quanto de base estésica. Notou-se, ainda, uma forte emergência, entre os trabalhos, da questão da identidade e da sua articulação via fluxos comunicacionais e culturais de fundamento mercadológico. Destacaram-se ainda as questões de ordem sociológica, estrutural: os processos de “fabricação”, os condicionamentos de origem social e os próprios dos sentidos poderiam dificultar a percepção tanto por parte dos atores quanto por parte do pesquisador, criando “buracos negros”, zonas de invisibilidade dos processos sociais. Os próprios processos de estetização poderiam ocasionar dificuldades de interpretação e crítica. Identificou-se um



paradoxo: a sociedade da máxima liquidez seria ao mesmo tempo a sociedade do máximo endurecimento, a pluralidade convivendo com o ciframento.

A mídia não só buscaria substituir os agentes sociais tradicionais, mas convertê-los em aliados. Produtos midiáticos poderiam ter uma linguagem inovadora, mas um conteúdo conservador, que construiria, por exemplo, um jovem conformado. O fundamentalismo teórico-metodológico foi interpretado como engessante. Assim, as terias e métodos não deveriam ser tomados, necessariamente, como molaridade.

Dentro desse cenário conceitual e metodológico, apareceram questões sobre como a cidade constrói a cultura e como o fluxo urbano interfere na definição de estratégias de comunicação urbana. De que modo isso repercutiria em termos de linguagem? Que manifestações urbanas contemporâneas poderiam se configurar como espaço da ação política e de que forma essa ação seria exercida? Como o consumo poderia ser o lugar de construção das subjetividades e das cidadanias e identidades coletivas? O recurso às camadas do real e aos contratos de leitura descortinaria o processo comunicacional como um fenômeno complexo envolvendo produtor e receptor.

### **Imagens e imaginários urbanos: audiovisualidades e novos sensórios**

Esse último eixo temático agrega as discussões articuladas em torno do interesse pelas imagens e sonoridades que compõem a vida metropolitana. A cultura imagética, tão associada aos meios de comunicação, apareceu entre os pesquisadores desse núcleo como um dos elementos centrais do processo comunicacional que se estabelece a partir da superfície da metrópole. A comunicação visual urbana foi tratada por vários expositores e de várias maneiras; a publicidade, placas de sinalização externa, grafittis e pichações foram problematizados baseada nas relações entre produtores e receptores, entre a cidade e seus transeuntes, entre visualidades e imaginários urbanos. A análise de algumas intervenções artísticas no cenário urbano apontou o intercâmbio entre espaço físico e espaço virtual de comunicação quando artistas e coletivos exploram os espaços de fluxos.

As discussões e exposições abordaram também questões metodológicas que permeavam as investigações que buscavam analisar as imagens da cidade; alguns protocolos metodológicos apresentados centraram-se no registro e análise da visualidade da metrópole a partir da temporalidade e da alteração do espaço urbano, dos fluxos



metropolitanos de pessoas e veículos e dos processos de apropriação dos espaços públicos por estas comunicações imagéticas metropolitanas.

A música atrelou-se à vida urbana. Alguns pesquisadores voltaram-se para a interação música/tecnologia e para as aglutinações efêmeras de sujeitos que tais interações proporcionam; o compartilhamento de músicas, eventos e informações apareceram também como elementos de sociabilidade dessas vida metropolitana virtual. Outros investigadores problematizaram a relação entre sonoridades e determinados espaços metropolitanos; a música foi compreendida a partir do tecido coletivo, demonstrando como os gêneros musicais podem ser apropriados de maneira completamente diferente dentro do mesmo cenário urbano.

A re-significação dos espaços urbanos esteve associada aos processos de sociabilidade da vida metropolitana; a cidade transforma-se, neste contexto, em território de convivência e identidade por meio de suas imagens e sonoridades. A cidade foi considerada como suporte, mediadora e veículo de comunicação por meio de suas imagens e músicas.

O imaginário e as alterações sensoriais apareceram como importantes questões de fundo que articulam as comunicações imagéticas e sonoras à metrópole. Nos encontros ocorridos entre 2005 e 2008 notou-se a preocupação recorrente em captar as construções, projeções ou apropriações imaginárias que se constituem por meio dessas imagens e músicas urbanas; a relação imagem-imaginário articulou identidades e sociabilidades que permeiam tanto os espaços metropolitanos quanto a cidade virtual a eles atrelada. A alteração da percepção desses homens metropolitanos, da mesma forma, constituiu-se como temática recorrente nas discussões; a velocidade dos fluxos urbanos, a volatilidade da paisagem metropolitana e a efemeridade das relações sociais e do consumo permeados pela tecnologia apontaram a pertinência e a necessidade de se considerar as alterações sensoriais urbanas para que se compreenda os fenômenos comunicacionais contemporâneos em sua complexidade metropolitana.

### **Finalizando...**

Por esse balanço crítico de perspectivas e realizações observa-se que o NP Comunicação e Culturas Urbanas manteve-se na mira dos objetivos e temáticas propostos em seu ementário original



([www.intercom.org.br/pesquisa/culturasurbanas.shtml](http://www.intercom.org.br/pesquisa/culturasurbanas.shtml)) e esperamos tê-los contemplado na síntese aqui realizada: produção e recepção de produtos, linguagens, narrativas culturais/midiáticas em dinâmicas urbanas contemporâneas; campo cultural, mídia e mercado articulados a urbanidade; dinâmicas de produção e consumo cultural em centros metropolitanos; produção cultural/midiática e circulação pelas redes simbólicas e de comunicação urbanas; manifestações comunicacionais, jovens, culturas juvenis e juvenilização da cultura; imagem, imaginário e emergência de novos sentidos na urbanidade; hibridismos e miscigenações; mídias, culturas e sociabilidades urbanas conectadas a experiências identitárias e de pertença; arte e comunicação em cenários midiático-urbanos; produção e recepção musical em contextos urbanos; territórios e lugares: (re)apropriações.

Em outras palavras, um conjunto de temáticas disposto a responder pela reflexão sobre diferentes alternativas de produção, circulação, consumo e recepção comunicacionais urbanas, assim como investigar práticas e hábitos culturais que tomam o tecido urbano como referencial, suporte, mídia ou aporte de linguagem. A análise destes elementos tem permitido uma compreensão cada vez mais densa dos mecanismos de constituição e consolidação das culturas comunicacionais e possibilitado novos diálogos na fronteira entre os campos da Comunicação e da Antropologia.

Merece destaque a preocupação dos investigadores com a busca não apenas de novos conceitos, mas também de novas alternativas metodológicas que resultaram na construção de protocolos capazes de responder pelos desafios analíticos inerentes aos objetos/sujeitos investigados, compatíveis com sua complexidade e sensíveis a seu caráter dinâmico, nômade e reticulado.

Cabe aqui um destaque especial aos pesquisadores e pesquisadoras<sup>6</sup> – aos fundadores do núcleo, aos incorporados e permanentes desde a origem e aos agregados em meio à

---

<sup>6</sup> Adilson R. Nóbrega; Adriana Bravin; Alberto L. Najar; Alexania Rossato; Aline G. Almeida; Ana C. B. Marques; Ana E. Iwancow; Ana Lattanzi; Andréa Almeida; Ângela Pryston; Augusto Veloso-Pampolha; Ayeska P. Freitas; Beltrina Côrte; Bruno Campanella; Bruno Guimarães; Bruno Martins; Carla Marques; Carlos Bonfim; Carlos P. Gonçalves; Catarina Valdigem; Celina P. Alvetti; Claudia Fonseca; Cláudia M. M. Bredarioli; Cristiane Portela; Daniel B. Portugal; Debora C. Rocha; Deibar Hurtado; Denise C. O. Siqueira; Dennis de Oliveira; Derval G. Golzio; Edmilson F. Silva; Eduardo C. Braga; Elane Peixoto; Fabio F. Costa; Fabrício L. Silveira; Felipe Trotta; Fernanda Gomes; Fernanda Marques; Fernando Resende; Gisela Castro; Heloiza B. C. Reis; Henrique Mazetti; Igor C. Bento; Ilana Marzochi; Isabel Ferin Cunha; Isabel Travancas; Janice Caiafa; Jeder Janotti Jr; Jiani A. Bonin; João Freire Filho; João



caminhada – por suas positivas e particulares contribuições na consolidação e expansão do NP, assim como pela fundamentação e adensamento de objetivos comuns. Esperamos que possam localizar algumas de suas marcas neste mapeamento do “estado da arte” que ora se apresenta<sup>7</sup>. A vocês agradecemos, pois suas investigações foram tomadas como ponto de referência e roteiro para essa reflexão!

---

Maia; Joëlle Rouchou; Josimey C. Silva; Jorge Cardoso; Jorge L. Cunha; José J. Name; Josefina F. T. Silva; Juliana Krapp; Larissa L. Rocha; Letícia Matheus; Lidiane R. Amorim; Luis F. R. Borges; Luiza R. A. Amaral; Lydia G. Barros; Marcela A. Moreira; Marcelo Garson; Marco A. Almeida; Marco A. Bin; Marcos R. Lara; M. Conceição Golobovante; M. Izabel A. M. Birolli; Marildo J. Nercolini; Marina Caminha; Márton U. Calza; Marlyvan Alencar; Marta R. Maia; Mayka Castellano; Mayra R. Gomes; Meiriédna Q. Mota; Micael Herschmann; Milene M. Gonzaga; Miriam C. C. Silva; Nadja Gumes; Nara Fonseca; Nara Magalhães; Nathalia Duprat; Nilda Alves; Pablo Laignier; Paulo B. Vaz; Pedro S. Marra; Priscila Arantes; Rachel F. Sodrê; Rafael Fortes; Rafael L. P. Gioielli; Regina H. A. Silva; Rejane de Oliveira; Ricardo A. S. Feitosa; Ricardo F. Freitas; Roberta Lessa; Rita C. A. Oliveira; Roberta Pereira; Rosaly S. Brito; Rosana L. Soares; Rose de Melo Rocha; Rosita C. L. Hummel; Rostand A. Melo; Sandra R. Silva; Silvia H. S. Borelli; Simone L. Pereira; Sofia Zanforlim; Suzana Henriques; Talitha G. Ferraz; Telenia Hill; Thiago T. Neves; Tiago J. G. Monteiro; Vanessa P. M. Campos; Vânia O. Fortuna; Veneza M. Ronsini; Vicente M. F. Cardoso; Willy Silva Filho; Yuji Gushiken.

<sup>7</sup> Os textos completos encontram-se disponíveis nos anais dos Congressos da INTERCOM entre 2005-2008.